

Sara Norte

**EU, SARA, ME CONFESSO**

**LIVROS  
D'HOJE**



## • ÍNDICE •

13	O dia em que o meu mundo desabou
19	A minha infância
29	Sozinha
41	O verão louco
49	No bairro de lata
57	O resgate do meu irmão
63	As viagens a Marrocos
77	O escândalo do <i>striptease</i>
87	De volta a Marrocos
103	O primeiro dia em Botafuegos
113	A primeira visita da minha mãe
119	Uma semana de stresse
127	A minha vida na prisão
155	A morte da minha mãe
165	Finalmente, a liberdade



• O DIA EM QUE O MEU  
MUNDO DESABOU •



– *Espere allá, por favor.*

A voz do polícia de fronteira ecoou-me nos ouvidos qual relâmpago. À minha frente, o chão abriu-se como um abismo e, enquanto dei a meia dúzia de passos que me separavam do local onde me mandavam esperar, tentando parecer calma, a minha vida passou pela minha cabeça a correr, como um filme louco, muito veloz.

Naquele fim de tarde de 5 de fevereiro de 2012, em Tarifa, vi os meus nove companheiros de viagem saírem, um a um, do barco que acabava de atracar, vindo de Tãnger. Não dei o mínimo sinal de os conhecer e eles fizeram o mesmo. A regra era essa. Se um era apanhado, os outros tinham de continuar. E, nesse dia, mais ninguém foi parado. Passaram todos. Somente eu fiquei para trás, sozinha, na noite escura.

Quando o último passageiro se afastou, os dois polícias mandaram-me entrar no posto.

– Tem algo a declarar? – Perguntaram-me.

– Nada. – Respondi.

Podia acontecer um milagre e deixarem-me livre – às vezes, sucede, mandarem parar alguém de quem desconfiam, fazerem um pouco de pressão para ver como

a pessoa reage e, logo a seguir, libertarem-na –, embora, no meu caso, isso fosse pouco provável. Quando saí do barco percebi que me esperavam. Sabiam quem eu era, tinham a minha identificação, o meu nome... estava escrito num papel.

Os dois polícias chamaram uma colega que me revisitou. Não encontraram nada no meu corpo nem na minha roupa. No entanto, eu sabia que os procedimentos quase nunca se ficavam por ali. Mas mantive-me calma.

– Venha, vamos à radiografia...

Só nessa altura comecei a chorar.

Agora, sim, estava perdida! A hora da verdade tinha chegado. Dentro do estômago tinha cem bolotas de haxixe de nove gramas cada uma. Novecentos gramas de droga! E não era a primeira vez que era apanhada, estava com pena suspensa. Desta vez... desta, ia ser presa. Não tinha escapatória.

Foi como se estivesse a adivinhar. Parece estranho dizer isto, mas a minha estada em Marrocos vez lembrar uma despedida. Normalmente, durante a viagem de barco entre Tânger e Tarifa, não tinha por hábito levantar-me, vinha sentada, quieta. Mas, daquela vez, parecia que estava a pressentir qualquer coisa, sentia-me irrequieta, levantei-me uma série de vezes para ver o mar... Depois, em vez de sair do barco a correr, como fazia sempre, fui a andar normalmente, no meio dos outros passageiros. Como se fosse uma viagem de despedida. E foi.

Passei os dois dias seguintes enfiada num calabouço imundo do porto de Tarifa. Um quadrado minúsculo e sujo, com uma janela pequena, que estava sempre fechada, onde só existiam umas mantas e uma retrete especial



para a droga ser recuperada e pesada. Passei esses dois dias deitada no chão, a chorar. Nem sequer podia tomar banho ou mudar de roupa, e apanhei piolhos, estava cheia de piolhos quando saí de lá. Estive quase sempre a chorar, não consegui sequer dormir e não comi nada do que me deram. Sumos de laranja, chocolates e outras coisas que nos ajudam a ir à casa de banho expelir a droga que temos no estômago. Por acaso, o volume de maços de cigarros do grupo estava comigo no momento em que me mandaram parar. E não nos tiraram. Fumei e chorei durante os dois dias.

Apesar das condições precárias do lugar, os polícias do posto trataram-me bem. De vez em quando iam até à minha cela, falavam um bocadinho comigo, tentavam convencer-me a comer. Diziam-me, que quanto mais depressa expelisse tudo, mais rapidamente sairia dali. Mas eu não queria saber. Não queria nada, a não ser chorar.

Há muito tempo que não tinha contacto com a minha família, não fazia ideia de como é que o meu pai e a minha mãe reagiriam a uma coisa daquelas. Talvez tivesse de enfrentar a prisão completamente sozinha... Estava tão desesperada que tentei cortar os pulsos com os ganchos do cabelo. Tentei várias vezes. Fiquei com os braços cheios de sangue, de nódoas negras, mas sem conseguir o que queria: matar-me. Não queria ser presa. Não queria ouvir a minha família dizer-me que me tinha metido sozinha naquela confusão, logo, que teria de sair dela sozinha. Queria morrer! Morrer!

Na manhã do dia 7, levaram-me a julgamento, no tribunal de Algeciras. Meteram-me outra vez num calabouço, onde fiquei sozinha a chorar, durante umas duas

horas. Sabia muito bem o que me ia acontecer quando subisse à sala de audiências.

Depois, fui ouvida por uma juíza que me perguntou se estava sozinha no transporte. Disse que sim, que estava sozinha, claro. Também quis saber se eu era consumidora de drogas e reconheci que era. A seguir, a juíza perguntou-me porque é que tinha feito aquilo e eu respondi a verdade: porque precisava de dinheiro...

Tive um advogado oficioso que me ajudou muito nesse dia. Até quis convencer-me a pagar a fiança e sair em liberdade até ao julgamento, que foi marcado para dia 21 desse mês. Mas eu não quis. Tinha um euro e vinte cêntimos no bolso. Esse era todo o meu dinheiro na altura. Pagar a fiança, que era caríssima, seria sobrecarregar os meus pais e ter de esperar num hotel até ao dia do julgamento, já que não podia voltar para Portugal. Isso também era má ideia. Mais dia, menos dia, as revistas iam acabar por aparecer e montava-se um circo à porta do hotel e no tribunal. Passei esse dia como uma sonâmbula, suja, cheia de piolhos, a cheirar mal, nos corredores do tribunal, em salas de audiência, entre gente que não conhecia, que nunca tinha visto. Nem sequer me lembro das suas caras. Nem do nome do advogado oficioso... Carlos? Acho que sim, Carlos qualquer coisa.

E, no final da tarde, depois de decretada a prisão preventiva, a viagem no carro celular e aquela porta enorme que se fechou atrás de mim, com estrondo. Pum!

*Como cheguei até aqui?* – Perguntarão vocês. Por muitas razões, por uma série de asneiras. Mas todas elas se resumem numa só: *por minha culpa*. Tive tudo para ser uma miúda diferente, para ter uma vida diferente...

• A MINHA INFÂNCIA •



Nasci no dia 8 de abril de 1985, no Hospital Particular de Lisboa. Fui a primeira filha dos meus pais, os atores Vítor Norte e Carla Lupi. Mas, nessa altura, nenhum deles era ainda famoso. Passavam muito tempo sem trabalhar, ganhavam pouco dinheiro e viviam numa casa singela para os lados da Paiva Couceiro. Costumava chover lá dentro.

Por isso, até aos quatro anos, passei a maior parte do tempo com os meus avós, Maria Eugénia e António, os pais da minha mãe, que viviam em Benfica. Andava num infantário da Santa Casa da Misericórdia, na Curraleira, mas eram quase sempre os meus avós que me iam levar e buscar, e dormia a maioria dos dias em casa deles. Também era com esses avós que eu ia de férias, para a Nazaré, para o Algarve... Fui muito apapricada por eles, era a sua primeira neta, durante seis anos não houve outra criança na família. O meu pai e a minha mãe eram filhos únicos – apesar de, agora, ter um tio com três anos, irmão da minha mãe. Também me recordo de o meu avô, aos fins de semana, me levar sempre a um museu diferente. Foi muito bom ter vivido com a avó Eugénia e com o avô António.

Com o passar do tempo, a vida dos meus pais foi melhorando, o meu pai fez a *Rua Sésamo* e foi tendo outros trabalhos que o tornaram cada vez mais conhecido. Ganhava melhor. Nessa altura, tinha eu quatro anos, os meus avós resolveram ir morar para Carcavelos e deram-nos a casa da Rua Duarte Galvão, em Benfica. Em termos económicos, a nossa vida acabou por estabilizar e lembro-me de ter tido uma infância feliz. Muito feliz, mesmo. Passei muito tempo com a minha mãe, que deixou de procurar trabalho para estar comigo e, depois, também com o meu irmão Diogo, que nasceu tinha eu seis anos.

Com o meu pai, nessa época, a relação era boa. Ele passava pouco tempo em casa porque tinha de trabalhar – agora compreendo, se calhar quando era pequenina não compreendia tão bem. Mas hoje em dia vejo como são as coisas, enfrento as dificuldades da vida, e percebo que as pessoas têm de trabalhar, e muito, para conseguirem ter um bom nível de vida.

Lembro-me de que, desde pequenina, as minhas brincadeiras eram com câmaras de filmar. Não eram brincadeiras comuns, com Barbies e essas coisas... O meu pai tinha uma câmara de filmar daquelas grandes, antigas, e as minhas brincadeiras eram um bocadinho estranhas: fazer filmes e novelas, e o meu pai sempre a tentar dirigir-me. Adorava aquele mundo da representação. Não pensava ser atriz, realizadora ou produtora, não tinha ideias concretas, mas sabia que era aquele mundo que queria para mim quando fosse crescida. O meu pai levava-me com ele quando ia gravar e até cheguei a participar na *Rua Sésamo*. Mas esse não foi o meu primeiro

trabalho. Aos quatro anos, fiz um anúncio de televisão para o detergente *Super Pop Limão*. A minha mãe achava que eu tinha muito à-vontade em frente das câmaras e inscreveu-me na agência da Patrícia Vasconcelos. Foi assim que fui parar à publicidade. Lembro-me de que, nesse anúncio, contracenava com uma atriz que fazia de minha mãe, mas não me lembro quem era.... Eu chegava, cheia de pratos, e dizia:

– Mãe, também sei lavar a loiça!

E, no final, estava com um prato na mão que tinha uns patinhos e eu passava o dedo pelo prato e fazia aquele som do vidro, quando o tocamos, trim... e eu dizia:

– Mãe, até os patinhos cantam.

Lembro-me de ter adorado fazer esse anúncio, achei tudo giro, estava radiante de estar ali e não me importei nada de ter de repetir a cena inúmeras vezes. Fui com o meu avô António e foi ele quem passou lá o dia inteiro comigo. Recordo-me que, às tantas, entalei um dedo, já nem sei bem como. Mas, em vez de chorar, nem pensei nisso. Queria era estar ali, a gravar o anúncio. Depois desse, e ainda durante a infância, fiz vários anúncios, a açúcar, bancos, uma série de coisas.

Mesmo sendo pequena, tinha já muito boa memória e sabia sempre o meu texto e até o dos outros, e também tinha facilidade em ser dirigida. Acontece muito os miúdos estarem no *plateau* e ser difícil dirigi-los, mas eu não, era divertida e sabia comportar-me, tanto que os meus pais me levavam para qualquer sítio e eu sentava-me sossegadinha sem qualquer tipo de problemas.

Também foi por essa altura que os meus pais me começaram a tratar por «Palmeirinhas» – e só eles é que me

tratam assim – porque, quando eu era pequenina, usava muitas vezes o cabelo apanhado no cimo da cabeça e, de facto, aquele penteado era como uma pequena palmeira.

Aos quatro anos, saí do infantário da Santa Casa e entrei para a infantil, no Colégio Moderno, onde estudei até ao 12.º ano. Por incrível que pareça, fui sempre uma miúda caladinha, *low profile*, com poucos amigos. E essa história de aparecer nos anúncios que passavam na televisão nunca me trouxe popularidade junto dos meus colegas. Muito pelo contrário, até era bastante gozada no colégio por causa disso. Eu era toda despachada à frente das câmaras, mas na escola era completamente diferente. Também não me destacava pelas notas. Era boa aluna, mas nada de extraordinário. Não era das melhores da minha turma e no que dizia respeito à Matemática a coisa até ficava um bocadinho complicada. Sempre detestei esta disciplina! Em contrapartida, adorava Português e História.

Nessa altura da minha vida também gostava muito de ir à catequese e à missa. Era um bocado beata! Não sei porquê... a minha família nem é especialmente religiosa. Devia ser por causa das músicas e pelo facto de estar com outras crianças. Mas a verdade é que adorava ir à catequese e, aos domingos, acordava a minha mãe e obrigava-a a levar-me à missa.

A fama chegou quando eu tinha doze anos. Tudo começou com uma ida de toda a família, os meus pais, eu e o meu irmão, a um programa da Alexandra Lencastre, na RTP, o *Super Bebés*. A Alexandra, nessa altura, era casada com o Piet-Hein, diretor da Endemol e, no final do programa, comentou connosco que ia haver um *casting* para crianças porque estavam à procura de atores para uma



nova série. Eu disse logo que queria ir, a minha mãe inscreveu-me e foi comigo. Mas eu não queria que me dessem um papel por ser filha do Vítor Norte, que nessa altura já era um ator famoso e, por isso, quando me perguntaram o nome disse que me chamava Sara Abril. Não sei porquê... deve ter sido o primeiro nome que me passou pela cabeça. Fui sendo aprovada em todas as fases do *casting* e, no final, fui escolhida para o elenco da série *Médico de Família*. No primeiro genérico da série ainda apareci como Sara Abril, mas uma semana antes da estreia decidi dizer o meu nome verdadeiro. Já tinha dado todas as provas de que conseguia um papel sem a ajuda do nome do meu pai.

E foi assim que, aos doze anos, repentinamente, fiquei famosa.

Tanta fama foi uma sensação muito estranha, se bem que até já estava habituada a essa exposição mediática por causa do meu pai. Sempre fui habituada a ir aos sítios e ver pessoas desconhecidas falarem com ele. Eu até gostava, sentia-me orgulhosa. Tanta gente a querer falar com o meu pai! Ele sempre foi simpático para as pessoas que iam ter consigo. E, de um momento para o outro, tinha passado a ser eu nessa situação. Tanto que o meu pai, nessa altura do *Médico de Família*, dizia a brincar: «Bem, agora já não sou o Vítor Norte, sou o pai da Sara Norte.» Mas foi estranho, penso que no início me subiu um bocadinho à cabeça... Mas claro, era famosa em todo o lado menos na escola, onde continuava a ser gozada pelos colegas que até me diziam coisas horríveis. As crianças conseguem ser muito cruéis...

Naquele tempo não era uma situação muito normal, não havia crianças a fazer televisão. O *Médico de Família*

foi a primeira série com miúdos e eu sofri isso na pele. Com o tempo, os meus colegas foram-se habituando e, de qualquer modo, eu também não passava muito tempo na escola. Logo, fui-me desligando disso. Passava dez horas por dia nos estúdios a gravar, rodeada de pessoas mais velhas, e só ia ao colégio fazer testes e exames. Deixei um bocadinho de lado as poucas amizades da escola. Fui obrigada a crescer depressa.

Mas foi muito engraçado fazer aquele trabalho. Não me arrependo da decisão que tomei. Julgo que, no início, não passou pela cabeça de ninguém que iria ter a projeção que teve. A previsão inicial era de apenas uma temporada de treze episódios, nada mais. Mas a equipa era muito boa! Tive a sorte de trabalhar com grandes nomes, como o Henrique Mendes (mais tarde vim a conhecer a Glória de Matos, a mulher dele), a Rita Blanco, o Fernando Luís, o José Raposo, a Maria João Abreu. Tive a sorte de, no meu primeiro grande trabalho, ter podido aprender com grandes nomes, pessoas que me ensinaram muito.

Além desse adultos fantásticos, existiam os outros miúdos que entravam na série e isso também era bastante divertido. Tornei-me muito amiga da Sofia Cerqueira que, na série, era a minha amiga Rute, e também do Rodrigo Saraiva que fazia de meu primo João. Essa amizade passou para fora dos estúdios e lembro-me dos dias e dias em que eles foram dormir a minha casa. Até porque a minha mãe, a certa altura, fazia a direção dos atores infantis e, para ser mais fácil, passávamos muito tempo juntos. A Sofia Cerqueira vinha passar férias com a minha família e eu com a família dela. Depois, a vida afastou-nos, mas a Sofia é uma das pessoas que mais

gostava de poder rever... No dia em que saí da prisão, o Rodrigo mandou-me uma mensagem desejando-me tudo de bom. Mas sei que tem a vida dele, já tem um filho. E a vida segue! Mas gostava muito de voltar a retomar as amizades do passado. Aliás, não foi só ele. Desde que saí, as amigas do tempo do colégio, que hoje são casadas, têm filhos, profissões e vidas estáveis, têm-me procurado e agradeço muito esses reencontros.

Voltando à série, o sucesso foi tão imediato que, em vez de fazermos os treze episódios previstos, acabámos por ficar três anos em gravações intensivas. No meu caso, gravava quase todos os dias menos ao domingo, que era o dia de folga. Passava os seis dias a gravar e, mesmo que não entrasse em todas as cenas, tinha de estar no estúdio. Não se faziam 40 cenas como hoje em dia, na altura tudo era um bocadinho mais cuidado. Faziam-se sete ou oito cenas por dia. Havia uma preocupação especial com a qualidade. E, para dizer a verdade, eu preferia estar ali, a gravar, em vez de ter de ir à escola, onde tinha um estatuto especial por causa do meu trabalho. A lei, em termos de trabalho infantil, ainda não era tão rígida como agora e então só ia ao colégio fazer os testes e tinha as faltas justificadas.

Mas não há bela sem senão... Apesar de tudo, foi uma época muito dura da minha vida. O meu dia normal de trabalho começava às sete e meia da manhã, horário em que o motorista da produtora me ia buscar a casa. Começava a gravar por volta das nove e saía do estúdio às sete da tarde. Quando chegava a casa ainda tinha de estudar as cenas todas para o dia seguinte. E não tinha tempo para mais nada. Então, para poder estudar as matérias da escola, acordava por volta das cinco da manhã. Era

um grande esforço para uma miúda da minha idade, mas o certo é que, enquanto trabalhei, as minhas notas foram sempre bem melhores do que quando não o fazia. A minha mãe era muito rígida no que dizia respeito à escola. Acho que, hoje em dia, há muitos pais que sonham com a possibilidade de os filhos poderem aparecer na televisão, mas a minha mãe não, sentia exatamente o contrário, achava que o mais importante era a escola. E sempre me avisou de que, no dia em que as minhas notas começassem a baixar, não teria qualquer problema em tirar-me da série. E eu sabia que, se falhasse, ela faria exatamente isso. Como a coisa que eu mais queria era continuar a trabalhar como atriz, não tinha outro remédio senão estudar.

Do *Médico de Família*, a única recordação amarga que guardo tem a ver com o dinheiro que ganhei. Nos primeiros treze episódios pagavam-me 70 contos (350 euros) por episódio. Depois, passei a ganhar 2500 euros por mês. Para mim era uma fortuna. Esse dinheiro era recebido pelos meus pais e eram eles que passavam os recibos, já que eu era menor. Uma parte substancial foi usada na minha educação, mas a grande parte foi guardada porque eu queria ir estudar para o estrangeiro. Sempre disse que gostaria de ir para Londres tirar um curso de teatro. E teria sido possível, tinha muito dinheiro guardado. Mas, por circunstâncias da vida que mais à frente vão entender, a minha mãe acabou por usar indevidamente esse dinheiro e eu fiquei sem qualquer economia e sem a possibilidade de cumprir o meu grande sonho. Talvez a minha vida tivesse sido totalmente diferente se esse dinheiro não tivesse sido gasto...